

A INFLUÊNCIA DAS COSMOVISÕES SOBRE O UNIVERSO FEMININO NO MUNDO MEDIEVO

THE INFLUENCE OF THE WORLDVIEWS ABOUT THE FEMININE UNIVERSE IN THE MIDDLE AGES WORLD

Gleyds Silva Domingues¹

RESUMO

O presente ensaio tem por finalidade evidenciar a influência das cosmovisões presentes no mundo medieval sobre o universo representativo da mulher. Busca-se compreender o pensamento medieval difundido e legitimado na cultura com relação às percepções que se tinham do cosmos. Para tal discussão, é preciso apresentar os discursos presentes nas linguagens da saúde, da visão eclesial e do amor, pois ainda que, de uma forma introdutória, essas linguagens traduzem a forma de agir, pensar e sentir dos homens e mulheres daquela época. Compreende-se, ainda, que essa forma de pensar impregnou as gerações futuras, visto que algumas atitudes e comportamentos presentes na cultura contemporânea podem ser situados em certo sentido na defesa desta visão de mundo medieval. É claro que o texto não esgota em si mesmo tal problemática, mas apenas lança luzes para que a investigação possa ser levada adiante e, quem sabe, revisada, contestada e até mesmo ressignificada. Esse é o propósito que se busca no tocante a essa temática tão fascinante.

PALAVRAS-CHAVE: mulher- idade média- linguagens- cosmovisão- discurso

ABSTRACT

This paper aims to highlight the influence of worldviews present in the medieval world about the representative universe of woman. We seek to understand the widespread medieval thinking and legitimized in the culture related to the perception that there were about the cosmos. For this discussion it's necessary to present the speeches of the health, ecclesiastical vision and love languages, because, although in an introductory way, these languages translate the women and men's way of acting, thinking and feeling of that time. It is understood also that this way of thinking permeated future generations, as some attitudes and behaviors present in contemporary culture can be situated in a sense in defense of this medieval world view. Of course, the text does not exhaust itself such problems, but only sheds light so that the investigation can be carried forward and perhaps revised, contested and even re-signified. This is the purpose that is sought in relation to this fascinating theme

KEYWORDS: woman- middle ages- languages- worldview-speech

Considerações Iniciais

Ao se debruçar sobre a temática da representatividade atribuída ao universo feminino no contexto medieval, faz-se necessário investigar os caminhos apontados na História no que diz respeito às estruturas mantenedoras do poder legitimado; as cosmovisões subjacentes às ações humanas; a difusão dos mitos,² como forma de explicar o constituído, e o discurso assumido que demarcou o processo de construção do ideário do medievo.

Não se deve perder de vista, ainda, a presença visível dos discursos travados em defesa de uma lógica basilar sustentadora da essência e da existência humanas na sociedade, como crivo da perpetuação e preservação da fé cristã, fundamentadas numa cosmovisão.

O conceito de cosmovisão assumido neste ensaio é de uma lente que oportuniza tecer leituras sobre a vida, o cosmos. Ela, ainda, procura dar respostas a quatro questões fundamentais: 1) Qual a realidade do universo?; 2) Quem é o ser humano?; 3) O que acontece após a morte, e 4) Qual a base de moralidade entre os seres humanos?³

O conceito de cosmovisão não se fundamenta em buscar uma comprovação científica de fatos e fenômenos, antes sua intenção volta-se para apontar os alicerces sobre o que se acredita e no que se espera que seja.⁴

Diante disso, adentrar no mundo medievo implica captar os ranços e

1 Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Professora do Ensino Superior. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interpretação, Atualização e Transmissão dos Ensinos Bíblicos e Eclesiologia e Práticas Pastorais das Faculdades Batista do Paraná e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião - NUPPER.

2 É objetivo do mito, assim como da ciência, explicar o mundo, fazer seus fenômenos inteligíveis [...]. Dado um universo cheio de incertezas e mistérios, os mitos intervêm para introduzir um elemento humano – GRIMAL, Pierre – *Enciclopédia Larrousse World Mitology*, 1965. p.9.

avanços resultantes de uma cosmovisão pautada na necessidade de ordenar e estruturar de forma uniforme o mundo em sua complexidade patente. Esta se baseia em princípios de caráter impositivo, determinante, decisivo e moralizador das condutas dos homens e das mulheres, em nome de um ideal professado e difundido no tempo.

O mundo medievo torna-se palco das constantes mudanças, reformulações e controvérsias do pensamento e da apologia da fé a ser pregada e difundida. É notório, ainda, ressaltar a existência de dois polos distintos – Ocidente e Oriente - não equidistantes, contudo oriundos de uma mesma raiz, sendo esta determinante no processo de constituição do pensamento medieval. Apesar das divergências doutrinárias imbricadas na composição das teses defendidas, percebe-se que objetivavam a difusão da fé cristã e empreitavam a luta em prol da cristianização dos mundos.

Rever ou reler o medievo é descortinar o presente, decifrar o sentido da existência e encontrar as razões da contemporaneidade expressas na formação do ser humano onnilateral.³ Este ser humano é apreendido como expressão viva de ações concretizadas no tempo, decorrentes da sua intervenção em face ao conhecimento que veio a ser sistematizado.

A reflexão, então, gira em torno da incidência ou grau de implicação dos fatos históricos descritos e a investidura normatizada e ordenada do que se concebe por poder temporal e espiritual, na tentativa de recompô-lo ou

3 Sobre o conceito e o estudo de cosmovisão, consultar os autores: SIRE, James W. **Naming the elephant: worldview as a concept**. Downers Grove: Intervariety, 2004; MILLER, Darrow L. **Disciplinando Nações: o poder da verdade para transformar culturas**. Curitiba: Fato é, 2003; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; SILVA, Mauricio, José. **Cosmovisão Cristã e Transformação**. Viçosa, Minas Gerais: Editora Ultimato, 2006; DOMINGUES, Gleyds Silva. **Cosmovisões e Projeto Político-Pedagógico: o sentido da formação humana**. Saarbrücken, Alemanha, 2015.

4 DOMINGUES, 2015, p.54

reconstruí-lo, no que diz respeito à presença da mulher nesse cenário histórico.

Verifica-se que o mover da História tem em seu entorno a preocupação preeminente de explicar de modo inteligível o sobrenatural e sistematizá-lo num corpo fechado de doutrinas. Nessa empreitada racional, há a instauração da crise,⁶ advinda das diferentes interpretações, visões de mundo e concepções que perpassam no tempo histórico e que são desencadeadoras de instabilidade conceitual e existencial.

A sociedade gestada e instituída molda-se ou é concebida (pensada) mediante as visões legitimadas pela cultura (Deus, mundo, homem, mulher, poder, temporalidade, fé, condutas e sociedade), as quais são emanadas e reproduzidas pelo e no poder, e exteriorizadas na forma de axiomas e sistemas de crença.

Por vezes, pode-se evidenciar a presença de estereótipos coibidores e alimentadores de um ritual aceito e cumprido na ignorância pelos homens e mulheres, em detrimento da verdade que liberta o pensar e agir humanos. Contudo, numa época marcada por incertezas, por lutas internas e externas, por um sincretismo de ideias e mentalidades e pelo restabelecimento da hegemonia, compreender o papel da mulher torna-se uma tarefa instigante e desafiadora, uma vez que a História Medieval é composta e descrita por homens, para homens e com olhos de homens.

5 A concepção de onnilateralidade do homem é discutida por Frigotto. Ele centra a ideia na percepção do homem, enquanto uma totalidade histórica que é ao mesmo tempo natureza, individualidade e, sobretudo, relação social. Veja-se o trabalho de FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho, educação e tecnologia**. ANDE: Brasília, 1989. p.33-44.

6 A origem da palavra “crise” vem do grego e prende-se à ideia de abismo. Para Castanho, estar em crise significa estar à beira do abismo ou já ter caído nele. Neste texto, o significado está atrelado à primeira ideia. Ver CASTANHO, Sérgio. **Pedagogia Universitária**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 13-48

O lugar dado à mulher nos escritos medievais traduz a lógica formal do pensamento embutido – arquétipos -; a dicotomia posicional – superior x inferior – e a regração por vias institucionais. Isso posto, entende-se que o processo de moralização da sociedade tem na figura da mulher um eixo central de sustentação das teorizações, quanto ao destino, à conduta, à privação, à identidade e à aprovação. Elementos indispensáveis à manutenção da ordem, da hierarquia, da virtuosidade e da condição social feminina.

As Estruturas Medievais e os Discursos

O período medieval instaura-se, mormente pelos historiadores, após a queda do Império Romano, abrange cerca de mil anos de história e caracteriza-se em seu percurso por momentos de apogeu, declínio e queda. Alguns historiadores dividem o período medieval, que compreende o século V até o XV, em Alta, Média e Baixa Idade Média, caracterizando os fatos ocorridos e as consequências determinantes que identificam tal cognominação.

Situar-se na Idade Média significa compreender as estruturas medievais – sociais, políticas, eclesiásticas, ideológicas – subjacentes a este período histórico contemplado na tentativa de perceber/ ler as ações desenvolvidas no seu contexto.

Cada período torna-se fundamental na composição da chamada Idade Média, sendo corporificados nos eventos e nos detalhamentos que foram descritos, escritos e registrados na História, por uma comunidade minoritária, mas que tentou ser “fidedigna” aos acontecimentos.

Registra-se, nesse período, a presença de duas correntes distintas ou bipolarizações⁷ que objetivavam explicar o sentido do tempo histórico. A primeira de caráter teológico e a outra pré-cristã baseada nas tradições antigas dos povos.

Na concepção teológica, o tempo histórico é compreendido de forma linear, mas não infinita. Apresenta três fases definidas: 1- a Gênese; 2- a Natividade e 3- o Juízo Final. Na concepção pré-cristã, de origem leiga, o tempo tem existência cíclica. O que ocasiona a reprodução dos atos ocorridos no início dos tempos. Por tal razão, surge a necessidade de, a cada ano, comemorar a entrada do Novo Ano.

Vale ressaltar que os medievos acreditavam que a forma como concebiam o tempo era em muito superior aos antigos, superando-os.⁸ Viam-se assim, mergulhados na modernidade, na renovação do pensamento e na caminhada certa rumo à *Parousia* (destino final dado aos conversos à fé cristã).

A passagem da visão do ser humano, enquanto coletividade para individualidade, deu-se em meados do século XII. A diferença básica entre as correntes residia no fato da consequência do pecado e da virtude. Na primeira, o pecado de um contaminaria a humanidade em seu todo, ou a virtude estender-se-ia sem precedentes. As ideias eram impregnadas pela presença constante do bem e do mal, inseridas num verdadeiro campo de batalha. Era imprescindível que as penitências, feitas pelo indivíduo, trouxessem de volta a purificação da sociedade.

“O clero, naturalmente, desempenhava nessas batalhas simbólicas o papel central, pois sendo o intermediador entre a humanidade e a Divindade, atribuía a si mesmo o poder de indicar os elementos a ser combatidos.”⁹ Por outro lado, a segunda concepção prendia-se às ações individuais dos homens, às suas intenções e aos seus desejos. “O julgamento divino passava a considerar a atuação e a motivação

7 FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 11-18. O autor explora a questão de como os medievos pensavam a Idade Média e que concepções embasavam suas ideias e comportamentos.

8 FRANCO JÚNIOR, 2001, p.18.

9 FRANCO JÚNIOR, 2001, p.147.

particulares de cada alma.”¹⁰

Diante disso, passou-se a buscar a humanidade de Cristo e a prová-la, mediante as peregrinações, movimento este determinante das Cruzadas, que mobilizou milhares e milhares de pessoas – homens e mulheres- rumo a Jerusalém, cidade do Salvador.

“Os senhores vão a cavalo, as damas nobres também, às vezes de liteira; seguem-nos as carroças com armas e bagagens, escoltadas pelos subalternos a pé, homens e mulheres e inúmeros clérigos.”¹¹As Cruzadas tornam-se um grande movimento imigratório da Idade Média e que trouxe consequências diretas para a organização dos povos que repercute até os dias de hoje.

Assim, ao partir do pressuposto que os discursos podem ser assumidos como reflexos diretos do pensamento e que demarcam a trajetória de um povo, mantendo uma concepção, pode-se inferir que ler, interpretar e inserir-se nos diferentes discursos medievais torna-se imperativo para desmistificar e adentrar no que se estatuiu como medieval.

Dessa forma, as estruturas medievais defendidas serão descritas a partir de alguns discursos estabelecidos e transmitidos no decorrer do tempo histórico. Busca-se, então, compreender as ações envolvidas no fazer dos homens medievais, frente às atitudes tomadas com relação às situações cotidianas que envolviam a mulher.

Os Discursos e o Espaço da Mulher no Mundo Medieval

O discurso é a uma representação dos dizeres, saberes e fazeres do ser humano. Por intermédio de um discurso pode-se compreender a forma como as linguagens verbais ou não verbais ganham significação na realidade social.

¹⁰ FRANCO JÚNIOR, 2001, p.154.

¹¹ PERNOUD, Regine. **A Mulher nos tempos das cruzadas**. SP: Papyrus, 1993. p. 35.

Inicia-se, então a discussão pelo campo da saúde, visto que o discurso da saúde é aquele que apresenta a forma como os medievos viam as doenças e os tratamentos, assim data-se desse período a crescente incidência de epidemias,¹² que perturbavam e poluíam a mente do homem medieval, trazendo o medo frente ao desconhecido. Dessa forma, reacendiam velhos mitos ligados ao castigo, à punição, ao pecado, à possessão e à culpabilidade da carne.

As duas grandes epidemias sofridas nessa época e que ocorrem no início e fim da Idade Média são: a peste de Justiniano (543) e a Morte Negra (1348). Há registros de outras doenças que atormentavam a continuidade da vida do homem e da mulher medievais, transformando-se em estigmas do mal e se alastrando de forma endêmica entre o povo. As mais graves eram a lepra, a tuberculose, a varíola e a peste bubônica.

Até o século X, a Igreja exercia a Medicina por intermédio de seus clérigos, que viam nessa prática o exercício da caridade. Todo o conhecimento existente sobre saúde e higiene foi preservado no interior das ordens eclesiásticas e aplicado na organização das comunidades monásticas. A forma como combatiam as epidemias embasava-se nas Escrituras, principalmente nos livros do Velho Testamento.

É a partir do século XI, que se registra a entrada de leigos na Medicina. Eles tinham como função o tratamento, a investigação e a supervisão do desenvolvimento da doença e das boticas. Nesse período, nota-se que aos poucos vai ocorrendo a mudança de comportamento frente à saúde, à higiene, ao tratamento e às condições de vida na cidade. Há as primeiras instalações de hospitais e leprosários, inicia-se o processo de

12 ROSEN, George. **Uma História da Saúde Pública**. São Paulo: UNESP, 1994. p.57. “O medo da pestilência não abandonava a mente do homem medieval. Esse temor, não o levava a passividade [...]. Assim suas medidas de proteção resultavam da união de ideias médicas e religiosas.”

quarentena, como ocorre, também, a preocupação com o destino do lixo e o cuidado com preservação da água dos rios.

O homem medieval cuidava do seu corpo muito mais do que se imagina. Embora em geral se considerasse vã a existência terrena, e existisse a crença na punição, ou na salvação, no outro mundo, havia também a convicção de que, seguindo-se um regime correto, poder-se-ia estender a vida até três vintenas e mais dez anos.¹³

Paralelo a isso, a visão que a Igreja sustentava da mulher quanto à sua anatomia, não era das mais animadoras, principalmente no início da Idade Média. Seu corpo e órgãos eram descritos com impropriedade e indiferença, menosprezando-os frente ao opulento corpo do “macho”. Essa visão estendia-se à comunidade medieval, principalmente à científica.

As dificuldades encontradas pelos médicos medievais na sua leitura da anatomia feminina procedem de uma tripla origem: o princípio rigoroso da analogia que acaba de ser formulado e que submete o corpo da mulher ao modelo masculino, o princípio absoluto de finalidade presente no jogo etimológico e no pensamento teológico, e por fim o princípio da submissão absoluta à autoridade.¹⁴

Pode-se inferir que esses princípios continham a visão da superioridade masculina, na qual a mulher era submetida. Além de colocar empecilhos, tanto de origem científica-temporal como religiosa, sobre a investigação e os estudos a serem desenvolvidos sobre a anatomia feminina. Este total desconhecimento levou a criação de tabus e mitos que concentravam na mulher a origem dos males, visto que nela estava a origem do mal e do pecado. Diante disso, a Igreja culpabilizava a mulher e a colocava como agente principal na transmissão das doenças que

13 ROSEN, 1994, p.6

14 THOMASSET, Claude In: **Histórias das Mulheres**. Porto: Edições Afontamento, 1990. p.70.

contaminavam o corpo, principalmente, no caso da lepra.

A mulher não faz mais do que transmitir a doença que destrói o homem, e esta concepção dolorosa do amor vem inscrever-se no mito [...]. Deste modo, e tendo em conta os conhecimentos científicos, a mulher na Idade Média é simultaneamente considerada como instrumento do pecado, que merece o castigo divino [...], que designa este pecado aos olhos da colectividade.¹⁵

A mulher, nesse contexto, trazia à tona os medos do homem frente ao desconhecido. Este ser conceptivo, reprodutor de vida e mantenedor da vida. Diferente e inconstante, porém capaz de alimentar mitos durante séculos sobre a sua funcionalidade anatômica.

“O medo está sempre pronto a renascer, é ele que condiciona uma leitura da natureza da mulher, entre o leque das possibilidades oferecidas pela investigação e pela reflexão medievais.”¹⁶

Por conta deste medo que a influência da Igreja foi decisiva sobre o sentido de ser mulher. Parte da ideologia sobre a imagem da mulher é fruto da ação direta de clérigos que dominavam o conhecimento e a forma de sua propagação. Assim, nota-se a influência marcante e imperativa da Igreja sobre todas as esferas da vida medieval, que sob a égide da moral e da verdade emitiam seus pareceres. Concentrava suas atitudes em três esferas espirituais: salvação, arrependimento e restauração pela purificação. Estas medidas da Igreja mantinham o seu poder legitimado e perpetuava-se o legado eclesiástico-histórico a ser perseguido pelos seus sucessores.

Isidoro de Sevilha¹⁷ teve papel de relevância como transmissor de grande parte do conhecimento teológico da Igreja antiga à

15 THOMASSET, 1990, p. 96.

16 THOMASSET, 1990, p. 96.

17 WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**, RJ: ASTE, v. I e II, 1967. p. 249-251.

Idade Média [...]. Seu *Livro de Sentenças*, isto é, breves proposições doutrinárias, haveria de tornar-se o manual de teologia da Igreja Ocidental até o século XII. Suas *Origens ou Etimologias* abrangiam o âmbito quase inteiro dos conhecimentos da época, tanto eclesiásticos como seculares.

Observa-se que a Igreja funcionava como órgão regulador do comportamento humano, partindo de um modelo ideal a ser seguido por todos os professos da fé cristã. Em torno dela, girava a decisão final de julgar, condenar ou absolver o seguidor. Bem como de aplicar penitências que variavam segundo o erro cometido. Essas penitências tinham de ser cumpridas para que o seguidor (converso) da fé pudesse ser reinserido na comunidade cristã. “Na Irlanda¹⁸ [...] surgiram os primeiros livros penitenciais importantes, nos quais se atribuíam satisfações apropriadas para pecados específicos”.

O medo da excomunhão perseguia os medievos, de tal sorte que não mediam esforços para realizar a penitência imposta. Para eles, não fazer parte do advento da *Parousia* soava como a condenação eterna, na qual estava selado o seu fim.

Em tempos de ignorância e barbárie, os prelados destacavam-se por serem homens cultos e devotos à Palavra. A missão destinava-se a resgatar o ser humano pela retificação dos desvios e prepará-lo para o fim do mundo, que se avizinhava.

O campo de atuação da Igreja estendia-se do espiritual ao temporal, uma vez que, como porta-voz da verdade, esta era introjetada na realidade cotidiana do mundo medieval, por intermédio da disciplina, dos costumes e da organização.

Há de se destacar, nesse cenário, a criação e abertura de mosteiros, cuja finalidade era a renúncia. Os monges, longe de exercerem poderes

18 WALKER, 1967, p. 256.

temporais, dedicavam-se à leitura, à interpretação e à tradução dos clássicos. Eles objetivavam, ainda, cultivar o espírito são, sendo este fortalecido pelas práticas ascéticas.

A vida monástica no Oriente e no Ocidente diferia quanto ao próprio entendimento, que os monges concebiam sobre a fé cristã. As principais diferenças residiam na expiação ou castigo do corpo; no relacionamento que mantinham com a Igreja; no ideal monástico – vida retirada versus vida em comunidade; salvação pessoal versus obra de Deus - e envolvimento com as causas e injustiças sociais.

O monasticismo oriental era mais antigo e adotava regras mais severas. Adotavam a solidão, a contemplação e a ascese, envolvendo jejuns, autoprivações e orações. O pai dos monges orientais foi Santo Antão, mas é na figura de São Pacônio que se dá a organização da vida monástica com regras únicas a serem seguidas, agregando trezentos e vinte e três monges num mesmo local.

A vida monástica no Ocidente tem início com São Bento de Nurse que reúne monges sobre o ditame da Regra, “por ela, a vida do monge beneditino transcorre em função do preceito do *ora et labora*”. Inicia-se a ordem dos monges beneditinos.

A Escolástica inaugura, no mesmo século, a abertura de um mosteiro feminino, sob a mesma direção doutrinária beneditina. Embora a regra seja a mesma, a constituição de cada mosteiro é particularizada e pormenorizada, frente às concepções próprias de seus abades.

Um fato interessante sobre a vida de São Bento é descrita pelo biógrafo Gregório, o Grande, que conta como ele conseguiu vencer a paixão carnal, decidindo dedicar-se integralmente à vida monástica. Ele narra a seguinte história: São Bento¹⁹

[...] recebeu uma repentina iluminação do alto, recobrou os sentidos, e ao ver uma moita de espinheiros e urtigas tirou toda a

roupa e se lançou aos espinhos e ao fogo das urtigas. Depois de se revolver ali durante muito tempo, saiu todo ferido [...]. A partir de então voltou a ser tentado de maneira igual.

Nos concílios eclesiásticos instaurados, eram travadas discussões em torno das controvérsias doutrinárias com o intuito de estabelecer a unidade de pensamento entre os diferentes participantes do sínodo e a forma comum de ministrar os ofícios. O poder hegemônico da Igreja solidificou diante do clima de instabilidade política gerado pelas constantes invasões bárbaras, possibilitando-lhe legislar não somente sobre a ordem religiosa, mas a social a ser estabelecida.

Gregório²⁰ foi o verdadeiro líder da luta contra agressão lombarda. Levantou exércitos, defendeu Roma pela força e, por meio de tributos, chegou mesmo a celebrar um tratado de paz com os lombardos. [...]. Era o homem mais forte da Itália e aos olhos dos romanos, tanto quanto dos lombardos, deve ter parecido, mais do que o fraco imperador, ser um verdadeiro soberano.

O ápice do poder da Igreja na Europa Ocidental deu-se quando da unção de Pepino²¹, que presume ter sido por Bonifácio, dando início a mudança de um velho sistema monárquico – eletivo e hereditário – para o exercício da monarquia divina. “Essa transação²² [...] estava prenhe de conseqüências importantíssimas. Dela poderia inferir que o papa tinha poder de conceber ou retirar poderes reais.”

19 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**: a era das trevas. SP: Vida Nova, 1988. p. 43. O autor tece, de forma sucinta, a história do surgimento da ordem beneditina. Ele se utiliza de fragmentos e afrescos da época. Ainda ressalta que, os monges foram os professores de todo um continente, isto porque, nos mosteiros a dedicação à leitura, à tradução e à cópia tornaram-se uma prática do cotidiano. Na Regra Beneditina, vê-se a menção à criança, sendo elas levadas desde cedo para os mosteiros. Nesse local, elas aprendiam a ler e a escrever.

20 WALKER, 1967, p. 248.

21 GONZALEZ, 1988, p. 21-24.

22 WALKER, 1967, p.264.

Neste cenário histórico contemplado, a Igreja e suas organizações clericais concebiam a mulher a distância. Um ser diferenciado, misterioso, que suscitava o medo, além de ser a fonte original do pecado. “Para eles, o pecado da luxúria residia unicamente no corpo feminino”.²³ Suas teorias e especulações feitas sobre o feminino giravam em torno das Escrituras, principalmente apoiadas nos Gênesis e nas cartas paulinas, referentes ao pecado, à subserviência e à autoridade do homem sobre a mulher.

A mulher é objeto de desafetos.²⁴ É uma sombra, que tem por finalidade desviar o homem do caminho da pureza e da santidade. A sua arma é a sensualidade, e suas palavras estão carregadas de armadilhas ardilosas. Assim, “O desejo, obra do diabo, destrói o homem. A mulher, inspiradora do desejo, é por excelência agente do mal, causa do desespero, da morte, da danação eterna do sexo masculino”.²⁵

A figura da mulher estava presa à Eva do Gênesis, junto com toda a sua representação pérfida, diante da tentação, da queda e da expulsão do Paraíso. O resgate foi preconizado na figura da mulher ideal, a Virgem, mãe de Deus, a qual a santidade, a pureza, a verdade e a bem-aventurança faziam parte de sua imagem perfeita, sobrepujando todas as demais, “o que tem por efeito, não fazer de Maria um modelo próximo das mulheres, mas projetá-la no céu inacessível de uma maternidade virginal sem a menor fenda”.²⁶

23 MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. SP: Contexto, 1999. p. 44.

24 DALARUN, Jacques. In: **História das Mulheres no Ocidente**, 1996, p.37, traz no corpo do texto apresentado, a carta de Marbode de Rennes que demonstra o quanto a mulher era abominável: “ei-la, à vez, tentadora, feiticeira, serpente, peste, traça, comichão, veneno, chama, embriaguez. [...] é a pior das armadilhas preparadas pelo Inimigo”. O autor apresenta, ainda, um pequeno trecho da composição de Humberto de Lavardin: “A mulher, coisa frágil, inconstante a mão ser no crime, não deixa nunca espontaneamente de ser nociva [...]”

25 MACEDO, 1999, p. 45.

26 DALARUN, 1996, p.42.

A analogia apresentada era a seguinte: por Eva entrou o pecado e pela Virgem Maria entrou a redenção. Nasce, então, o culto mariano, seguido de literaturas²⁷ e testemunhos oculares dos milagres realizados pela Virgem.

Outra figura feminina que ganha destaque é Madalena, portadora do mais baixo padrão da moral, a prostituição, porém, até mesmo ela, foi alcançada pela salvação. Ao cair aos pés de Cristo mostra total arrependimento e uma nova motivação lhe é assegurada. Instaura-se a reabilitação de sua vida.

“A mulher é pecadora e, por essência, da carne. A salvação para ela não vem senão pelo arrependimento e pela penitência, no castigo desta carne culpada”.²⁸ Isso indica que na visão da Igreja, a mulher é pecadora desde sua concepção, por isso o único caminho para sua restauração vem pela punição de sua carne, sem isso não tem como salvar sua alma. È por esse motivo que a linguagem do amor não era bem vista pela Igreja, pois por trás dela estaria a sedução, o encantamento e a prevaricação.

A partir do final do século XI, constata-se a presença da poesia trovadoresca, a poesia do amor cortês, destinada a uma mulher nobre e casada, que recebia os galanteios em segredo. “Assim, o amor era algo de que o senhor dispunha para conceder ao trovador que, encontrando-se ao seu serviço, ela achasse digno de receber o respectivo galardão, que podia ir ao extremo limite de favores corporais”.²⁹

A finalidade da poesia trovadoresca era cantar o amor impossível,

27 Marca-se desta época os compêndios de orações que trazem pedidos de intervenção dos devotos, a Virgem Maria, como também palavras que exaltam a sua pessoa e o seu poder.

28 DALARUN, 1996, p. 52.

29 TORRES, Alexandre Pinheiro. **Antologia da Poesia Portuguesa**. PORTO: Lello & Irmãos, 1977. p. 5.

idealizado e estilizado na figura de uma mulher alvo de inspiração dos versos românticos. “A mulher, aparentemente venerada, apenas serve de referência. Seu papel é inspirar [...]. A ausência da dama é fundamental [...]. Nesse jogo a função da dama é educar.”³⁰

A presença do trovador na Idade Média faz reacender a chama literária, uma vez que a composição das trovas envolve uma técnica refinada, requerendo o estudo e a dedicação na construção dos versos. Este novo estilo de expressão vem ao encontro da nova forma de pensar o mundo Ocidental nos séculos XII e XIII. Surge uma nova realidade, na qual a cultura profana invade os salões nobres, tonando-se uma prática cotidiana.

Nessa forma de pensar, a educação tinha como prioridade ensinar as damas e os cavaleiros na arte da retórica, que incluía as sátiras, as alusões, as analogias e os jogos de palavras. O que para isso requeria uma boa dose de sedução e tentativa de convencimento pelas palavras.

Já a procedência de classe do trovador era de condição simples, um humilde cavaleiro, que prestava vassalagem a seu senhor. Geralmente eram jovens e solteiros. O trovador é um poeta que escreve e canta seus versos, seguindo um rigor da métrica e da rima. “Nas cortes do sul da França, os trovadores, poetas e cortesãos profissionais foram responsáveis pelo aparecimento de uma interessante modalidade da lírica cortês erudita.”³¹

Mesmo neste clima de romance e desejo guardado em segredo, o amor no mundo medieval não tinha lugar, uma vez que os casamentos eram frutos de alianças e conveniências das famílias nobres, as quais envolviam a perpetuação de bens e propriedades. Era um meio de manter a herança na família por gerações.

30 MACEDO, 1999, p. 50.

31 Ibidem, p.49, 1999.

É por esta razão que a poesia trovadoresca destinava-se somente às mulheres casadas, porque as solteiras ainda não possuíam identidade jurídica própria. Eram destituídas de bens, ou seja, “não dispunham de senhorios. Ora o poeta não vai prestar serviços a uma mulher que não seja senhor”³².

No exemplo das cantigas de amor, pode-se perceber o distanciamento entre o cantor e a dama, assim como as desilusões, desejos e dores sentidas pela não correspondência desse amor. Há um quê de encanto nas poesias trovadorescas que pululam a imaginação daqueles que a ouviam, bem como das damas, alvo, que acentuavam a feminilidade e a beleza, características que tantas vezes foram desconsideradas na Idade Média.

Um exemplo explícito é a cantiga trovadoresca do galego Bernaldo de Bonaval,³³ que participou das campanhas militares promovidas por Fernando III, pai de Afonso X.

A dona que eu am' e tenho por senhor
Amostrade-me-a, Deus, se vos em prazer for,
Se non dade-me a morte.
A que tenh'eu por lume d'estes olhos meus
E por que choran sempr(e), amostramede-me-a, Deus
Se non dade-me a morte.
Esta que vós fizeste parecer
De quantas sei, ai Deus, fazede-me aveer,
Se non dade-me a morte
Ai Deus que me-a fizeste mais ca mim amar.
Mostrade-me-a u possa com ela falar,
Se non dade-me a morte.

Nesta canção, o trovador demonstra o desejo de seu senhor por uma

32 TORRES, 1977, p.5.

33 TORRES, 1977, p.94. “Nesta cantiga o trovador pede a Deus que lhe mostre o sítio onde possa encontrar a sua amada. Se não o puder fazer que lhe dê então a morte”.

dama. Desejo este que, se não atendido, pode determinar na sua morte. Ou seja, a não correspondência a este amor, impede o senhor de querer viver. Por isso, repete tantas vezes a expressão “dá-me a morte”. Sentimentos intensos tão próprios do mundo medieval.

Considerações finais

Percebe-se que a história da mulher insere-se no contexto da realidade cotidiana, por meio das relações estabelecidas tanto no âmbito privado como público. A discussão em torno da questão da sua presença não ocorre num momento único, isolado e estanque da história. Ela perpassa as estruturas instituídas, ora assumindo o papel principal de personagem, ora sendo contemplada como coparticipante de todo um cenário ideológico construído.

Pode-se delimitar em dois momentos a história da mulher: o distanciamento e a aproximação. O que se pode fazer a seguinte analogia: ao tomar como exemplo a imagem refletida do objeto, mediante o grau de incidência da luz, verificar-se-á que a sombra projetada variará de acordo com a intensidade desta luz presente no ambiente. O resultado desse processo evidenciará que, quanto mais distante da luz, menor será o grau de visibilidade da sombra do objeto projetado, como seu contrário. Ao transferir essa mesma ideia no contexto da história da mulher medieval é possível perceber que, ao distanciar o olhar da mulher em sua totalidade, as formas construídas ou projetadas tornam-se disformes, constituindo-se em verdadeiras projeções distorcidas da realidade.

Assim, no contexto da Idade Média, pode-se inferir que não havia uma clareza a respeito de seu papel e de sua inserção na realidade social. Antes, a ideia da mulher girava em torno de especulações que se transformaram em mitos e estes foram perpetuados no decorrer do período histórico.

A imagem projetada da mulher é, portanto, distante, indefinida e invisível, à medida que as concepções ganhavam corpo na realidade cotidiana do mundo medievo. Assim, a sombra de sua imagem era gerada na opacidade, o que transmitia um olhar não condizente com o próprio sentido de ser mulher.

Em contrapartida, quando em momentos de lucidez, o mundo medievo aproximou-se do ser mulher, como sujeito da história, há indícios maiores de sua visibilidade, o que promoveu a tessitura mais próxima de seu papel na estrutura social. Esse novo olhar permitiu a virada da página da história, a partir de um processo de desconstrução ideológica acerca da identidade e da função social desta mulher na construção da sociedade medieval.

Isso indica que um discurso ou um conjunto de ideias não se fecha em si mesmo, antes aponta caminhos para novas releituras frente ao estabelecido no cotidiano das sociedades, assim é que este ensaio tentou apresentar alguns olhares projetados em relação ao posicionamento defendido da mulher no mundo medievo.

Pensa-se, ainda, que a tentativa de definir ou traçar o perfil da mulher é uma faca de “dois gumes”, pois se pode cair na tentação da construção de estigmas ou de superestimação de sua posição. Diferente, porém, quando a intenção é contextualizar a história da mulher sob o prisma da importância e influência no estabelecimento das estruturas sociais, visto que o objetivo é de delinear a formação de uma identidade. A identidade da mulher que se firma mesmo diante da (in) visibilidade que lhe foi imposta por um padrão ideológico difundido no mundo medievo.

Referências

- CASTANHO, Sérgio. **Pedagogia universitária**. Campinas: Papyrus, 2000.
- DALARUN, Jacques. **Olhares de clérigos**. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Org.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**: Porto: Afrontamento, 1996.
- DOMINGUES, Gleyds Silva. **Cosmovisões e Projeto Político-Pedagógico: o sentido da formação humana**. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho, educação e tecnologia**. ANDE: Brasília, 1989.
- Nova, 1988.
- GRIMAL, Pierre – **Enciclopédia Larrousse *World Mitology***, 1965.
- MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. SP: Contexto, 1999.
- PERNOUD, Regine. **A Mulher nos tempos das cruzadas**. SP: Papyrus, 1993.
- ROSEN, George. **Uma História da Saúde Pública**. São Paulo: UNESP, 1994.
- THOMASSET, Claude In: **Histórias das Mulheres**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. **Antologia da Poesia Portuguesa**. PORTO: Lello & Irmãos, 1977.
- WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**, RJ: ASTE, v. I e II, 1967.